

# II GELLNORTE e VII FCLL-NORTE

## Linguística e Literatura na Amazônia: políticas de pesquisa para as margens

Universidade do Estado do Amazonas – Escola Normal Superior  
Manaus – 28 a 31 de maio de 2019.

### MINICURSOS “A”

1-8

Dia 28 de maio de 2019

18h-22h

### 1. TRADUÇÃO COM PARTIDO

**Dr. Fernando Scheibe (UFAM)**

Traduzir é um gesto político. A xenofilia presente em “albergar o longínquo” (Antoine Berman) implica por si só uma tomada de partido: o partido da abertura ao outro, da “comunidade fundada na ausência de comunidade” (Georges Bataille), ou seja, da comunidade que jamais se fecha na ilusão mortífera de um indivíduo coletivo. Mas é claro que essa hospitalidade não se dá sem conflitos. Atravessada pelas forças do “fontismo” (o apego ao original e à língua-fonte ou de partida) e do “alvismo” (a consideração pela língua-alvo ou de chegada), a tradução é uma práxis em constante reformulação. A proposta deste minicurso é, a partir de exemplos concretos (do francês, do inglês, do italiano, do espanhol... para o português brasileiro) e de algumas especulações tradutológicas (Schleiermacher, Walter Benjamin, Henri Meschonnic, Antoine Berman, Barbara Cassin, Mona Baker...) discutir as possibilidades e os impasses da tradução, essa “tarefa sublime e impossível (Jacques Derrida), levando em consideração aspectos linguísticos, discursivos, culturais, socioeconômicos, mercadológicos... Os inscritos não precisam dominar (aliás, quem domina?) nenhuma outra língua, mas se você se interessa por tradução, o que está esperando para começar a escalada (sublime, impossível, infinita) da torre de Babel?

### 2. ARQUIVO, COLEÇÃO, MEMÓRIA: UM ENCADEAMENTO DE IMAGENS NA POESIA BRASILEIRA

**Ms. Fabio Fadul de Moura (UNICAMP/FAPESP)**

O presente minicurso propõe discutir o trabalho crítico-criativo de possíveis sistemas mnemônicos de organização do mundo, dos afetos e do saber por parte de poetas brasileiros modernos e contemporâneos. Tendo como ponto de partida uma perspectiva de caráter interdisciplinar e comparativista, procura-se investigar o modo como alguns poetas – a exemplo de Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Astrid Cabral e Luiz Bacellar – apropriam-se de categorias como arquivo, coleção e memória e realizam um deslocamento delas para seus livros no momento em que estão a tratar de objetos, de espaços ou, ainda, em outra escala, da escrita de autores que migram para seus textos poéticos por meio de jogos intertextuais. A ideia de “encadeamento” apontada pelo subtítulo diz respeito ao percurso por perspectivas teóricas de Michel Foucault, Jacques Derrida, Paul Ricœur, Walter Benjamin, Maria Esther Maciel e Márcio Seligmann-Silva, o qual compreende um trajeto que inicia na crítica aos modelos taxonômicos de registro, passa

pela observação do conceito de arquivo e alcança na coleção benjaminiana um modo criativo de estruturação do mundo. Dessa maneira, será necessário partir de poemas para revelar como os autores tratam a arbitrariedade dos sistemas supracitados, em um primeiro momento, ao passo que subvertem a lógica ordenadora que os define, em outro. Intenta-se, por fim, discutir como o trabalho com a palavra poética mostra a relação entre sujeito lírico e memória afetiva, buscando evidenciar que as estratégias de registro dessa memória repercutem na fatura textual.

### **3. ORGANIZAÇÃO DA ESCOLA PARA O ALUNO SURDO**

**Dr. Bruno Gonçalves Carneiro (UFT) e Dr. Carlos Roberto Ludwig (UFT)**

O objetivo deste minicurso é apresentar algumas ações a serem implementadas pela escola a fim de legitimar a libras e a diferença surda no processo de ensino e aprendizagem. O Brasil possui uma legislação extensa que prevê, a curto prazo, a implementação de uma educação bilíngue para surdos, seja em escolas bilíngues, classes bilíngues ou escolas inclusivas. Desta forma, a escola deve se organizar a atender as especificidades linguístico-culturais de seus alunos surdos. Isso inclui a oferta de um ensino em libras, ensino de libras, ensino de português como segunda língua, presença no intérprete dentro e fora da sala de aula, verificação de conhecimento em libras, verificação de conhecimento em português (considerando a relação específica que os surdos brasileiros possuem com a língua portuguesa), uso e difusão da libras na instituição, dentre outras ações. Especificamente nesta oficina, refletiremos sobre a interpretação simultânea das aulas, avaliações em libras, atividade de tradução de provas do português para a libras (vídeos), atividade de tradução da libras para o português (oral e escrito), o levantamento e o registro de termos científicos em libras pela escola, bem como a promoção da cultura surda na instituição. Na oportunidade, discutiremos também sobre algumas atribuições do intérprete educacional, no contexto de educação inclusiva, e sobre epistemologias surdas.

### **4. LETRAMENTOS SOCIAIS E FORMAÇÃO DOCENTE NUMA PERSPECTIVA INTERCULTURAL INDÍGENA**

**Dra. Áustria Rodrigues Brito (UNIFESSPA) e Ms. Thiago Silva e Silva (IFMA)**

Nossa proposta de minicurso objetiva discutir questões como Formação de professores indígenas e não indígenas numa perspectiva multicultural; letramentos dêiticos, ideológicos, cultural na perspectiva de Street (2007); a produção e transmissão de saberes. A tradição oral e revitalização da língua materna em comunidades obsoletas; a educação escolar indígena e as propostas de atividades orais, escritas e produção textual considerando os letramentos sociais; O pluriculturalismo e a escola específica e diferenciada. Tudo isso para refletir sobre as práticas de letramentos no contexto da comunidade indígena e proposição sobre a criação de material didático na área. Aqui, estaremos usando o termo “Letramentos” adotado por Street (2007), por consideramos que essas práticas não são universais, logo deve se levar em consideração os diferentes espaços em que os sujeitos vão construindo suas identidades e ideologias. Defendemos que a leitura e a escrita são atividades que não podem estar desassociadas do contexto histórico-social do leitor-produtor, haja vista que estes interagem na e pela linguagem em diferentes contextos situacionais. Desse modo, estaremos ainda, valorizando uma literatura oral e redimensionando o próprio conceito do termo Literatura, em que a oralidade não era objeto de estudo e análise. Para fomentar essas proposições nos pautamos em Street (2007), Rojo (2005, 2012), Soares (1999, 2001), Marinho (2010) Kleiman (1995).

### **5. CONCEPÇÕES DE ALFABETIZAÇÃO NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO: DO PRÓ-LETRAMENTO A BNCC**

**Dra. Elizabeth Orofino Lucio (UFPA-IEMCI)**

A escrita e a leitura são atividades humanas que permeiam a vida social, contribuindo para as relações e para o desenvolvimento da inteligência, uma vez que, por meio delas, o homem cria e registra seus feitos assim como produz novos sentidos para a vida. Desse modo, faz-se necessário, cada vez mais, refletir sobre os efeitos que essas atividades produzem sobre as sociedades grafocêntricas. Essas atividades, como meio de comunicação, produção e divulgação do conhecimento, leitura e escrita, podem ser um fator de desenvolvimento para alguns ou de exclusão social para aqueles que não as dominam plenamente. Este minicurso dedica-se à compreensão das concepções do processo de alfabetização, debruçando-se sobre os conceitos que a sustentam: infância, linguagem, discurso, ensino, aprendizagem e sistema de escrita, presentes no contexto histórico contemporâneo brasileiro, nos programas de formação Pró-letramento, Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa e na Base Nacional Curricular Comum do Ensino Fundamental. Os modos pelos quais a criança acede à linguagem escrita são explorados, visando defender que as práticas alfabetizadoras sejam intencionais, sistematizadas e comprometidas com a cultura escrita, ou seja, que a alfabetização se dê em meio a práticas situadas e contextualizadas de leitura e de escrita.

## **6. CONTRIBUIÇÕES DA SEMIÓTICA DISCURSIVA PARA O ENSINO DE LITERATURA**

**Dra. Luiza Helena Oliveira da Silva (UFT)**  
**Dr. Márcio Araújo de Melo (UFT)**

Como semioticistas e estudiosos da literatura, de que nos ocupamos senão da leitura, compreendida como gesto de produção de sentido para os textos do mundo? Considerando o modo como compreendemos esses gestos de fazer ser o sentido, como articulá-los de forma coerente com as propostas pedagógicas que atualizamos no contexto escolar? A partir desses questionamentos, o minicurso que propomos tem como principal objetivo apresentar contribuições da semiótica discursiva e da sociosemiótica para o tratamento do texto literário na educação básica. Para isso, tomamos como ponto de partida alguns conceitos advindos dessas teorias em diálogo com estudos literários, elegendo como temáticas: a) o sentido como construção que engaja o sujeito na relação sensível e cognoscível com os textos, objetos, qualquer coisa que se apresente como uma alteridade (LANDOWSKI, 2001); b) o lugar da subjetividade (ROUXEL, 2013; 2014) e dos percursos particulares de leitura, denominados na metalinguagem da teoria como isotopias de leitura (BERTRAND, 2003); c) distinções entre leitura e captação (LANDOWSKI, 2011); d) a noção de contágio (LANDOWSKI, 1998); e) as coerções de natureza ideológica que definem o que pode ou não ser lido, definindo comprometimentos do leitor que antecedem a relação de ordem sensível e inteligível (SILVA, 2017); f) a interação (LANDOWSKI, 2014). Ao mesmo tempo, analisamos os efeitos da leitura literária a partir da análise de romances que tematizam o estatuto do leitor. Interessa-nos considerar o modo como nossos artefatos teóricos podem nos ajudar a compreender relações de natureza sensível e inteligível que traduzem essa experiência em romances, levando em conta o modo como figurativizam a própria disponibilidade do sujeito para a experiência da leitura (SILVA e MELO, 2018).

## **7. ENSINO DE PORTUGUÊS COMO L2 PARA ESTUDANTES INDÍGENAS: CONTRADIÇÕES E DESDOBRAMENTOS**

**Dr. Heliud Luis Maia Moura (UFOPA)**  
**Dra. Maria Aldenira Reis Scalabrin (UFOPA)**

O objetivo deste minicurso é discutir questões de política linguística referentes ao ensino de Português como L2 para estudantes indígenas, tendo em conta as concepções mobilizadas nos

contextos acadêmicos e as ações aí implementadas. Tomo como referencial teórico as postulações de Rajagopalan (2000, 2003, 2005, 2008, 2015); Lagares (2000, 2008, 2009); Bourdieu (1996); Bakhtin/Volochínov (2014), para os quais, as ações e projetos de política linguística são constituídos por contradições, conflitos e instabilidades, trazendo como consequência indeterminações e fragilidades, tanto no campo acadêmico quanto no campo social, especificamente quando observamos a situação em que se encontram os estudantes indígenas dos cursos de graduação da universidade. Nesse sentido, este minicurso pretende discutir, dos pontos de vista teórico e prático, a situação desses indígenas quando precisam interagir nos diferentes espaços acadêmicos, levando em conta as dificuldades no que diz respeito ao domínio dos gêneros discursivos/textuais requeridos por tais espaços, observando-se, sobretudo, níveis de proficiência linguística ainda insuficientes para as exigências de caráter institucional. Tendo em conta as reflexões necessárias para superação dessa problemática, analisamos, via discursos dos indígenas, propostas e encaminhamentos a serem tomados, o que poderá ser feito por meio da construção de uma consciência reflexiva por parte dos próprios indígenas, o que se dá, inevitavelmente, pela criação de projetos e políticas específicas, mormente aquelas voltadas para os contextos culturais em que estão inseridos esses sujeitos, proporcionando-lhes condições adequadas e suficientes para o rompimento com as exclusões a que ficaram historicamente relegados.

## **8. PRÁTICA DE TRADUÇÃO: TEXTOS LITERÁRIOS, LINGUAGEM CRIATIVA E REGIONALISMOS BRASILEIROS NO MUNDO ANGLÓFONO**

**Dra. Carolina Barcellos (UnB)**

A tradução de textos literários impõe alguns obstáculos bastante particulares aos tradutores. São textos que apresentam usos criativos da linguagem e se valem de diferentes efeitos estéticos para a construção de significados. Elementos de vários níveis – desde o grau de coloquialidade, a consistência nas escolhas lexicais que marcam o discurso de determinado personagem até mesmo a diferenciação no tratamento de trechos pertencentes a diálogos ou à narração – precisam ser considerados. O texto literário apresenta ainda traços estilísticos que o definem e, não raro, constroem a reputação de seus autores. Todos esses elementos exigem sensibilidade, conhecimento linguístico e cultural dos tradutores. É comum que a experiência acumulada em anos de trabalho acabe interpretando um papel importante no desenvolvimento de estratégias para lidar com os obstáculos impostos por esse tipo de texto. Para contornar isso, a formação desses profissionais, hoje em dia cada vez mais presente nas instituições de nível superior, tem se beneficiado, sobretudo, dos resultados de pesquisas com base em *corpora* eletrônicos e de natureza cognitiva, como aquelas que empregam *eye tracking*. A partir desse contexto, este minicurso pretende 1) apresentar um panorama introdutório sobre a tradução de textos criativos, em geral, e de textos literários, em particular; 2) discutir questões problemáticas como, por exemplo, a tradução de elementos culturais específicos, modos de falar típicos de determinadas regiões e idiomatismos tomando como base tanto exercícios práticos quanto resultados de pesquisas baseadas em *corpora* paralelos; e 3) debater algumas práticas do mercado editorial. Os tradutores literários são, afinal, responsáveis pela criação de um novo texto, que estabelecerá relação com uma nova cultura e causará impacto estético/afetivo em um público distinto do público para quem a obra original foi escrita. Esse é um trabalho que envolve técnica e conhecimento e que pode ser aperfeiçoado em sala de aula.